



## AÇÕES EXTENSIONISTAS NA FORMAÇÃO INICIAL DE ALFABETIZADORAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

*Luciane Manera Magalhães<sup>1</sup>*

*Juliano Guerra Rocha<sup>2</sup>*

**Eixo temático: Alfabetização e formação inicial e continuada de professores.**

**Resumo:** neste artigo compartilhamos nossas experiências no âmbito do projeto de extensão “Oficina de Alfabetização”, desenvolvido na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF). Para tanto, fizemos um recorte das ações desencadeadas em 2022 e as perspectivas para o projeto em 2023. Discutimos suas bases conceituais e metodológicas, resultados parciais, refletindo sobre a importância da articulação entre a Universidade e a Escola de Educação Básica, na formação inicial de professoras alfabetizadoras.

**Palavras-chaves:** extensão; formação inicial de alfabetizadoras; oficinas de alfabetização; práticas de alfabetização.

### Introdução

O período pós-pandêmico, em que estamos vivendo, está marcado (i) pelos números alarmantes de crianças e adolescentes que não aprenderam a ler e escrever; (ii) pela falta de experiência destes sujeitos com os processos de escolarização e (iii) pela angústia das professoras<sup>3</sup> na busca de soluções para tal situação. Se antes da pandemia, o quantitativo de crianças e adolescentes, que avançavam em sua escolaridade sem estarem satisfatoriamente alfabetizados já era alarmante, agora, a realidade que se apresenta é assustadora.

Neste contexto, a alfabetização de estudantes de escolas públicas das camadas

<sup>1</sup> Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da área de alfabetização, na FACED/UFJF. Contato: lucianemanera@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor da área de alfabetização, na FACED/UFJF. Contato: professorjulianoguerra@gmail.com.

<sup>3</sup> Assumimos o gênero feminino para nos referirmos aos/às docentes, por ser, majoritariamente, mulheres que compõem o magistério brasileiro, em especial, na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

populares, continua sendo o maior desafio da educação nacional. Em contrapartida, até hoje não se vislumbram cursos de formação inicial específicos para professoras alfabetizadoras, embora se entenda que a alfabetização é uma especialidade da educação que merece destaque em nosso país.

No caso da Licenciatura em Pedagogia da FAGED/UFJF, embora as graduandas tenham a oportunidade de cursar duas disciplinas obrigatórias e até três disciplinas eletivas voltadas para área da alfabetização<sup>4</sup>, levam consigo o medo de enfrentarem essas turmas, devido à complexidade do processo e o pouco investimento nesta área, se observarmos a carga horária total do curso.

Assim, consideramos que a proposição de projetos de extensão na área de alfabetização contribui não apenas para preencher lacunas da formação inicial de uma alfabetizadora, mas para ampliar possibilidades de um saber-fazer docente, fortalecendo vínculos importantes entre a Universidade e a Escola de Educação Básica. Nesse sentido, desde 2009, tem sido oferecida, na FAGED/UFJF, a disciplina eletiva “Oficina de Alfabetização I” e desde 2022 a “Oficina de Alfabetização II”. Essas disciplinas culminaram em um projeto de extensão, de mesmo título, de modo que professoras alfabetizadoras já atuantes em escolas juizforanas puderam também se inscrever e trocar experiências com as alunas do curso de Pedagogia, sobre práticas e materiais didáticos para alfabetização.

No âmbito desse projeto de extensão, além de recebermos as professoras alfabetizadoras na Universidade, passamos a contribuir com um trabalho de formação continuada em algumas Escolas de Juiz de Fora/MG. Numa dessas instituições, a Escola Municipal Quilombo dos Palmares, fortalecemos laços e parcerias com as alfabetizadoras e passamos a atuar longitudinalmente, colaborando no desenvolvimento profissional das professoras e na proposição e confecção de jogos para auxiliar o processo de alfabetização e letramento das crianças.

Em 2022, a Escola nos pediu auxílio com uma situação que se depararam no contexto pós-pandemia, em que vários/as adolescentes, matriculados/as do 6º ao 9º ano não estavam alfabetizados/as. Diante disso, o projeto de extensão teve novos contornos e passamos a ofertar Oficinas de Alfabetização nessa instituição, só que, dessa vez, ampliando para ações diretas com os/as alunos/as.

No presente trabalho, compartilhamos as experiências do projeto de extensão “Oficina de Alfabetização”, da FAGED/UFJF, refletindo sobre as ações empreendidas em 2022.

---

<sup>4</sup> As alunas do curso de Pedagogia cursam, obrigatoriamente, duas disciplinas da área de alfabetização, Fundamentos Teóricos-Metodológicos de Alfabetização I e Prática Escolar com Estágio Supervisionado de Alfabetização, e têm a opção de cursar até três disciplinas eletivas, também na área, Fundamentos Teóricos-Metodológicos de Alfabetização II, Oficina de Alfabetização I e Oficina de Alfabetização II. Insta esclarecer que essas disciplinas eletivas não são ofertadas todo o semestre.

Inicialmente, discutimos as bases conceituais e metodológicas do projeto, na sequência, apresentamos alguns resultados parciais e as perspectivas para 2023. Os resultados apresentados são voltados mais para a prática extensionista das oficinas, as ações planejadas e executadas. Em virtude da extensão do artigo, não nos concentraremos nos resultados de aprendizagem dos/as alfabetizando/as, tema de outro trabalho que está em desenvolvimento.

## **1 Bases conceituais e metodológicas do Projeto de Extensão**

A disciplina e o projeto de extensão “Oficina de Alfabetização” são concebidos como espaços de formação, seja inicial ou continuada, que possibilitam a troca de saberes e experiências entre profissionais atuantes e futuras profissionais, que já indagam sobre o processo de alfabetização. É por meio destas interações e das vivências conjuntas que o *saber fazer, porque fazer, quando fazer e como fazer* se tornam ricas possibilidades de construção de novos conhecimentos, os quais não estão dados. Acreditamos que não basta a teoria, muito menos a prática isolada, é mister se ter experiências que conjuguem ambos conhecimentos em que se conciliam teoria e prática como duas faces de uma mesma moeda.

A ressignificação do fazer pedagógico passa pelo processo reflexivo, pelo desejo de aprender e pela troca (interação). A formação da profissional reflexiva envolve uma prática contínua de diálogo acerca do ensinar-aprender, reflexão antes, durante e depois da ação (SMYTH, 1992, 1994). O ressignificar da prática pedagógica acontece processualmente, a cada etapa de reflexão; é, inicialmente, mediado por outros sujeitos, mas busca a promoção da autonomia profissional frente aos problemas enfrentados no cotidiano escolar. A prática reflexiva envolve mudanças na forma de pensar como também de agir, fazendo a professora adotar atitudes críticas concernentes a ela mesma e às suas concepções acerca do que seja ensinar. Assim, o desenvolvimento profissional tem um papel fundamental na atuação da professora ao propiciar situações nas quais a docente possibilita vivenciar a sua prática de forma reflexiva. São experiências continuadas, integradas a espaços formativos, em que a professora tem a oportunidade de mergulhar, emergir em sua própria prática, a partir de reflexões teórico-práticas.

Cabe considerar que “... a oficina, como qualquer ação pedagógica, pressupõe planejamento, mas é na execução que ela assume características diferenciadas das abordagens centradas no professor e no conhecimento racional apenas” (PAVIANI; FONTANA, 2009, p. 79).

À vista disso, o trabalho de Magalhães (2022) reuniu ideias de oficinas na área de alfabetização que fundamentam o presente projeto de extensão, da mesma maneira, são

resultados deste. A proposta se baseia, substancialmente, na interlocução de teorias e práticas para alfabetizar fundamentadas em questões didático-metodológicas e linguísticas, sendo que o objetivo das oficinas é de

auxiliar as professoras alfabetizadoras (em formação e/ou atuantes) a desenvolverem uma prática pedagógica alfabetizadora que leve em conta a capacidade das crianças de construir conhecimentos e refletirem sobre sua língua materna, sem deixar de lado a ludicidade, característica fundamental da infância (MAGALHÃES, 2022, p. 21).

## **2 Resultados parciais**

O projeto de extensão “Oficina de Alfabetização” tem, atualmente, uma bolsista e seis voluntárias, acadêmicas do curso de Pedagogia<sup>5</sup>, as quais foram tratadas, desde o início, como professoras alfabetizadoras em formação. Inicialmente, realizamos reuniões formativas com todas as pessoas envolvidas, contando com a participação da Diretora, Vice-Diretora e duas Coordenadoras Pedagógicas da Unidade Escolar. Nesses momentos, compreendemos as expectativas e metas de cada participante, e compartilhamos, também, os objetivos centrais da Oficina. A partir de então, algumas ações foram organizadas, tomando como referência os seguintes pontos: espaço físico da sala de aula; planejamento das oficinas; confecção de materiais pedagógicos; rotina das oficinas e as práticas de alfabetização e letramento.

Com relação ao ambiente alfabetizador, defendemos que na organização de um espaço físico, a dimensão afetiva está intrínseca e precisa colaborar com práticas dialógicas e acolhedoras para o ensino de língua escrita. Quando tratamos desse espaço, não estamos apenas nos restringindo aos aspectos de ornamentação e disposição de mobiliários e materiais. O espaço se organiza nas relações que os sujeitos estabelecem com materiais e suas finalidades educativas, nesse caso, a aprendizagem do sistema de escrita alfabética e dos usos e funções sociais da leitura e da escrita.

No intuito de criar um maior clima de acolhimento, a Unidade Escolar dispôs de uma sala de aula que não estava em uso, abrigando o projeto. Empreendemos esforços para que essa sala de aula fosse concebida como um espaço de letramento, criando um clima favorável para o processo de leitura e escrita, tal como Nörnberg e Pacheco (2019) explicitaram. Fomos, coletivamente, criando esse ambiente e compondo espaços temáticos em toda a sala. Esses espaços tratavam-se de ambientes organizados com materiais didáticos, livros e desafios pedagógicos, cujo principal objetivo era que os/as estudantes pudessem explorá-los em variados momentos das oficinas. A princípio, foram cinco espaços temáticos: jogos

---

<sup>5</sup> O projeto já contou, também, com duas graduandas do Curso de Letras.

pedagógicos de alfabetização; desafio do alfabeto; acervo de livros literários; coletânea de textos informativos e de divulgação científica. Em meados de novembro, foi incorporado também um espaço do desafio a respeito dos times de futebol, em função do início dos jogos da copa do mundo, alvo de interesse de todos/as adolescentes envolvidos/as no projeto.

Além desses espaços temáticos, também afixamos nas paredes da sala de aula, o alfabeto, cartazes com listas de palavras e textos que eram trabalhados com os/as estudantes. Em momentos que estavam livres ou direcionados/as pelas alfabetizadoras, eles/as jogavam, respondiam aos desafios de leitura e escrita, liam, a seu modo, os livros e textos etc. Insta esclarecer que, a cada quinze dias, mudávamos os materiais desses espaços, diversificando os textos quanto ao gênero e temática.

As mesas e cadeiras eram dispostas em pequenos grupos, para que as alfabetizadoras mediassem os jogos e as atividades com os/as alunos/as. Nossas escolhas na organização do espaço físico caminharam na direção de proporcionarmos um espaço agradável aos/às alfabetizandos/as, possibilitando que explorassem materiais diversos de leitura e escrita, envolvendo-se constantemente em práticas para alfaetrar. Evidentemente, “o espaço escolar traz em si uma arquitetura que comunica, por meio de um jogo de formas e de representações, a expressão de ideias, crenças, valores, além de uma cultura escrita” (GOULART, 2013, p. 221).

Com relação ao planejamento das oficinas e confecção de materiais pedagógicos, destacamos que a maioria das acadêmicas participantes cursaram ou estavam matriculadas nas disciplinas “Oficina de Alfabetização I e II”, da FAGED/UFJF. Além disso, já haviam cursado Fundamentos Teórico- Metodológicos de Alfabetização, também ofertada no curso de Pedagogia. Tudo isso, de certo modo, possibilitou um conhecimento inicial de teorias e práticas para condução de um planejamento na alfabetização. Dessa maneira, o projeto de extensão se sustentava por um planejamento que atendesse a necessidade de cada estudante, concebendo que “precisamos planejar para fazermos escolhas coerentes, organizar nossas rotinas, ter nossos objetivos delimitados, saber aonde queremos chegar e o que precisamos ensinar” (MAGALHÃES *et al.*, 2012, p. 7).

Esses planejamentos foram construídos coletivamente, a partir de um diagnóstico aplicado inicialmente pela escola, o qual nos viabilizou identificarmos em qual momento de conceitualização da escrita os/as estudantes estavam. A partir disso, fomos definindo alguns caminhos e organizando um trabalho que pudesse associar práticas sistemáticas para apropriação do sistema de escrita alfabética em contextos de letramento.

O grupo das alfabetizadoras em formação foi experimentando diversos aspectos para um planejamento de alfabetização: selecionando materiais, organizando roteiros, pensando adequações metodológicas para os/as alunos/as por elas orientados/as, confeccionando ou



adaptando jogos mais adequados ao público envolvido. Por meio de um grupo do *WhatsApp* e de uma pasta compartilhada no drive, dia a dia, conversávamos e trocávamos sugestões.

O maior desafio nesse âmbito foi o de confeccionar, adaptar e criar jogos para o público adolescente, uma vez que tínhamos uma produção de material e pesquisa voltada para a alfabetização de crianças. Dessa forma, passamos a nos reunir semanalmente, para a produção de um material adequado à faixa etária dos/as estudantes, buscando sempre diversificar e selecionar as habilidades que seriam trabalhadas de acordo com as suas necessidades de aprendizagem. O mais interessante nisso tudo foi que as acadêmicas começaram a adaptar os jogos, antes ou durante a aplicação, para alcançar o/a estudante de modo mais satisfatório, objetivando que ele/a conseguisse realizar o trabalho com autonomia e avançasse na aprendizagem da língua escrita.

Sobre a rotina do trabalho, ela foi previamente definida e sendo aperfeiçoada no decorrer do projeto. No geral, as Oficinas eram de aproximadamente 4 horas com um intervalo de 20 minutos, para que a turma pudesse lancha e descansar. Era aplicado um jogo por dia, uma atividade lúdica de leitura e escrita, além de atividades de lápis e papel voltadas para o registro de palavras, tentativas de escrita de pequenos textos, leitura, interpretação e compreensão textuais.

De maneira mais específica, os/as alunos/as chegavam à sala de aula, eram acolhidos/as pelas alfabetizadoras, todos os dias assinavam a lista de chamada colocando o seu nome completo (uns ainda precisavam da ficha para consulta), e eram organizados/as em pequenos grupos, de acordo com a proposta da atividade. A organização variava, considerando tanto aspectos do nível de aprendizagem de cada um/a, quanto as aproximações afetivas entre eles/as, para dirimir possíveis atritos. Advertimos a importância da professora considerar esses aspectos socioemocionais para promover uma organização saudável e afetiva de toda a rotina e dos agrupamentos. Ademais, os grupos não eram formados apenas pela condução das alfabetizadoras, os/as alunos/as também propunham e se organizavam, em alguns momentos, de acordo com suas preferências.

As práticas de alfabetização e letramento empreendidas nas oficinas eram baseadas numa relação afetiva, dialógica e de respeito entre professoras e alunos/as, buscando por meio de propostas diversificadas que eles/as pudessem refletir, compreender e se apropriar do sistema de escrita alfabética em situações de usos e funções sociais da língua escrita. Os coordenadores do projeto de extensão atuaram com as acadêmicas, mediando algumas ações, para que elas ganhassem autonomia e experiência na condução de intervenções que colaborassem para uma alfabetização problematizadora e significativa.

Evitando atividades repetitivas e mecânicas, os jogos foram condutores das Oficinas, de modo que os/as alfabetizando/as problematizavam, raciocinavam sobre a escrita e as

partes sonoras das palavras, faziam pequenas produções textuais e exploravam materiais gráficos, experimentando a leitura oral. Os textos de diferentes gêneros textuais, tal como Geraldi (1997) explicita, eram ponto de chegada e de partida, selecionados e planejados sempre para explorar sua leitura, compreensão e interpretação, a partir dos componentes explicitados por Soares (2020, p. 206), quais sejam: “as alternativas de leitura do texto – mediada ou independente; a interpretação – oral, escrita ou ambas; as estratégias para o desenvolvimento de habilidades de interpretação e para ampliação do vocabulário”.

## **Considerações Finais**

Neste período de Oficinas foi possível vislumbrar avanços tanto no aprendizado com os/as adolescentes quanto com as graduandas. Enfrentamos um cenário em que os/as estudantes sequer conheciam o nome das letras, alguns presos ainda ao realismo nominal e todos extremamente influenciados pela noção equivocada de que as palavras em português são formadas pela composição silábica canônica de consoante e vogal (CV). Alguns utilizavam apenas a letra bastão, outros já recorriam à letra cursiva com destreza, embora estivessem sempre atados à cópia.

Quanto às graduandas, constatamos um crescimento profissional que evoluiu da dependência dos professores coordenadores e insegurança em algumas situações, para a autonomia, tanto na orientação das atividades junto aos/às adolescentes, quanto na capacidade de selecionar, confeccionar e planejar as Oficinas. O trabalho em duplas e/ou trios foi fortalecedor para elas, pois tiveram a oportunidade de trocarem experiências entre si e encontrarem estratégias ricas de intervenção com os/as estudantes.

Conforme afirmamos no início desse trabalho, embora as graduandas cursem disciplinas ligadas à área da alfabetização, esse é um processo extremamente complexo, que precisa ser vivenciado no dia a dia da rotina escolar, no chão da sala de aula, mediado tanto pelos professores formadores, quanto regentes.

## **Referências**

- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Entre o espaço de ensino e a formação docente. **Revista de Educação PUC Campinas**, v. 18, p. 211-222, 2013.
- MAGALHÃES, Luciane Manera *et al.* Planejamento do ensino: alfabetização e ensino/aprendizagem do componente curricular Língua Portuguesa. In: BRASIL. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: planejamento escolar**, ano 1, unidade 2. Brasília: MEC, SEB, 2012.

MAGALHÃES, Luciane Manera. **Oficina de alfabetização**: materiais, jogos e atividades. Curitiba: Appris, 2022.

NÖRNBERG, Marta; PACHECO, Suzana Moreira. Sobre um ambiente alfabetizador. In: DALLA ZEN, Maria Isabel H; XAVIER, Maria Luísa M. (Orgs.). **Alfabetizar**: fundamentos e práticas. 3ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2019, p. 63-77.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p.77-88, maio/ago. 2009.

SMYTH, John. Teacher's work and the politics of reflection. **American Educational Research Journal**, v, 29, n. 2, p. 267-300, 1992.

SMYTH, John. The practical and political dimensions of teaching. **Education Links**, n. 43, p. 4-8, 1994.

SOARES, Magda. **Alfabetizar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.